

ASSIGNATURA

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semario Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

ANNUNCIOS

PARA OS SUBSCRITORES,
Não excedendo de 20 linhas, . . \$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES,
Não excedendo de 10 linhas, . . \$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

1.º ANNO

QUINTA-FEIRA 11 DE FEVEREIRO DE 1864.

No. 19

MACAU 10 DE FEVEREIRO

USAVAM os cavalleiros da idade media, ao enristar a lança, e de cada vez que atiravam na carreira o brioso ginete, proferir de voz alta a *empresa*, mote, ou divisa, que os distinguia na rodella. E d'este modo se excitavam mais no amor da causa que defendiam.

Assim deve o jornalista,—campeador dos nossos dias no sempre batalhado campo das ideias,—invocar de continuo a divisa que uma vez hasteou, para que o esquecimento d'ella o não cegue ou desaminhe jamais.

O *Ta-ssi-yang-kuó* obrigou-se pelo titulo,—que recorda glorias do nosso passado,—a excitar a actividade nas condições do presente.—Nobre e justo proposito foi o seu, e do qual com satisfação temos visto que se não ha desviado nos poucos mezes de vida que já tem.

O titulo d'este jornal, não só honra o paiz cuja designação grandiosa exprime, attestando, pela boca insuspeita de um povo antojadizo de soberbas fabulosas, as nossas façanhas no oriente,—mas offerece tambem a importancia chronologica de lembrar um facto, no qual se pôde marcar o principio do segundo periodo das nossas relações com a China.

Este facto é a entrada dos primeiros missionarios no imperio.

A datar d'esta epocha, a China apparece aos europêos debaixo de um novo aspecto.—Já não são apenas as sempre interrompidas e embaraçadas relações de um commercio, mais arriscado ainda do que lucrativo, nas costas meridionaes da China,—commercio que melhor servia a demonstrar que a diminuir a repugnancia dos chinas á civilisação dos forasteiros do occidente;—já não são tanto essas luctas, por vezes bem fristes, na orla de um imperio zeloso do seu afastamento de outros povos, e das quaes Fernão Mendes, com profunda critica e minuciosa descripção, nos deixou uma bem viva imagem; já não são emfim unicamente alguns poucos monumentos historicos,—que nos dão o conhecimento d'este paiz excepcional e poderoso. A entrada no imperio de missionarios, para ahí pregarem uma religião nôva e santa, a noticia das suas missões mais ou menos felizes, o conhecimento mais ou menos exacto por elles adquirido da historia, dos costumes e das artes da China, e dos factos que á sua propria vista se passavam, foram inquestionavelmente elementos novos e preciosos para uma desejada apreciação, que as nossas empresas anteriores só podiam ministrar incompleta.

Assim se demonstra que fomos nós que demos á Europa uma ideia acertada da China, dos seus naturaes, da sua industria e das suas riquezas, poisque eram nossos aquellos missionarios; e não menos claramente se prova que nós fomos

tambem os unicos que, por meios pacificos e dignos de semelhante missão, gradualmente levámos os chinas a avaliarem com mais justiça a civilisação europêa, porque esse foi tambem o incontestavel e simultaneo resultado da vinda dos religiosos portuguezes.—E não é de nossas glorias a menor, esta de, em nossos descobrimentos e conquistas, havermos sempre feito acompanhar a espada pela cruz, e de só lançarmos mão da primeira quando a palavra benéfica e civilisadora que se inspira da segunda nos não afeiçoava os povos d'essas novas regiões. Sem odiosas distincções de raça ou de côr, sempre a todos houvemos por irmãos nossos, e como a nossos irmãos foi sempre o nosso primeiro empenho trazer-l'os á communhão da nossa fé, da nossa policia, dos nossos costumes. Fomos missionarios e não invasores, e, em toda a parte onde se levantou o estandarte de Manuel e João III, só para civilisar é que dominámos.

A relação que esse acontecimento da primeira entrada dos padres missionarios na Chna tem com a origem da expressão chineza que se lê no alto d'este jornal, já nós aqui a dissemos.

Terminava o seculo XVI. O velho throno da celebre dynastia Ming, tão gloriosamente erguido sobre as ruinas da tyrannia mongolia por um pobre bonzo, que só do proprio merito havia recebido forças para se collocar á testa da rebellião dos filhos de Fu-hi e Hoang-ti e restaurar a independencia chineza; esse throno illustre que deu o reinado a dezeseite imperadores quasi todos celebrados por seus merecimentos e façanhas,—começava emfim a soffrer os abalos da invasão mandchua, que, em menos de um cyclo, o devia lançar por terra. O imperador Chin-tsung-hien-ti, ou Uang-lei,—digno de mais felizes tempos por seus talentos e caracter justiceiro,—empunhava a custo as reedes do governo desde 1573, havendo succedido a seu pai, Mutung-tchuang-ti, quando apenas contava dez annos d'idade; e, conchecendo quanto, principalmente n'uma epocha de tamanha crise, lhe convinha para bem do seu paiz que todos os homens d'intelligencia e bom conselho o rodeassem, prestára sempre desde os principios do seu reinado a mais decidida protecção ás letras e sciencias.

Foi este favoravel ensejo que os jesuitas da apostolica provincia de Portugal escolheram para se aaventurarem a penetrar no coração do imperio.—*Hic singulari Imperatoris beneficentia permissus est residere, cædes ad id indulgendo, et victa sumptibus Regiis assignato*,—diz um antigo manuscrito—Perguntados por Chintung de que paiz tinham vindo, foram elles os primeiros que empregaram as palavras *Ta-ssi-yang-kuó*, até hoje usadas como designação do reino de Portugal.

Eis a breve historia da antiga expressão chineza que esta folha adoptou por divisa.

A missão a que este titulo obriga é a de estimar o passado em justo preço, não adormecendo contudo á sombra dos seus louros. As epochas succedem-se, e naturalmente differem succedendo-se; mas a energia de um povo não deve jamais paralyser-se na contemplação de nenhuma d'ellas. O progresso universal transforma as actividades, mas não as embaraça; e os que hontem souberam abraçar o exclusivismo ephemero, mais devem instigar-se hoje do exemplo e da competencia racional.

A. MARQUES PEREIRA.

Por mais de uma vez temos lido no *Echo do Povo* que o *Ta-ssi-yang-kuó* é jornal *semi-official* d'esta colonia, mas como tinhamos a consciencia da nossa independencia, e em nada nos prejudicava aquella classificacão gratuita, não pensámos sequer em desmentir a asserção. Fique, porém, o *Echo do Povo* bem prevenido de que a redacção do *Ta-ssi-yang-kuó* responde por si, e por tudo quanto publica.

Feita esta primeira advertencia, vamos responder á que vem publicada no *Echo do Povo* e que nos surpreendeu.

Em primeiro logar os srs. secretario, ajudante d'ordens, e capellão de Sua Exa. o Sr. Coelho do Amaral não têm que fazer com os folhetins, publicados no *Ta-ssi-yang-kuó*, até porque estes senhores ainda não declararam ser ou não redactores d'este jornal; por tanto é temeridade fazer-se-lhes uma ameaça, que elles de certo não temem, mas que lhes desagrade. Deve o *Echo* saber que, em um jornal habilitado nos termos da lei, ha redacção, e não individuos; e neste caso está o *Ta-ssi-yang-kuó*. Em vista d'isto já o *Echo do Povo* pôde entender, que a sua deferencia para com o Sr. Coelho do Amaral, na questão dos folhetins, é uma innocencia, se não é outra coisa, que o publico melhor do que nós pôde classificar.

Em quanto ao sr. A. Marques Pereira, achando-se em circumstancias excepcionaes para com esta redacção, depois da sua declaracão de assignar os seus artigos, tambem parecia não dever ser alvo dos ataques d'esse jornal. E de mais, o folhetim, não tendo nome, deve ficar acoberto de toda a personalidade, com que o *Echo* queira baptisal-o, em quanto não recorrer aos meios legaes para conhecer os auctores.

Ora, o folhetim é, como toda a gente sabe, uma secção destacada do corpo do jornal, que se publica para distracção dos leitores, se elle faz rir, e se não procura personalidades pelos seus nomes proprios, para as offender.

Agora perguntaremos ao redactor do *Echo do Povo* se é esse o caminho que se

que, e se os nomes que atira para o publico não merecem mais consideração e respeito, até pela nimia prudencia, com que têm deixado passar por alto as suas insinuações malevolas.

Ainda um ultimo ponto a tocar, que vem a ser o seu inqualificavel systema de querer involver nestas questões de jornal para jornal, que muitas vezes não chegam a ser questões, porque não tratam d'assumpto que interesse á causa publica, o nome muito mais respeitavel ainda de Sua Exa. o Sr. Governador d'esta colonia, que, interessando-se, como realmente se interessa, por tudo quanto pôde ser importante, de certo não pôde occupar-se das pequenas coisas para que o *Echo do Povo* o quer chamar como juiz, na sua *advertencia amigavel*.

Entendamos agora o fim da tal sua *advertencia amigavel*, para chegarmos a uma conclusão pratica.

Ao que parece, o jornal *Echo do Povo*, dorido pelas graças do folhetim d'este jornal, como que queixando-se á auctoridade, e pedindo providencias, ameaça a todos e a cada um dos que só elle crê que poderiam ser auctores dos folhetins em questão, sem reflectir que a forma que adoptou nem é a melhor, nem a que tem seguido nenhum jornal por nós conhecido; porque nem a auctoridade tem nada com o assumpto dos folhetins, nem as ameaças podem levar alguém á abstenção, por medo; podendo, pelo contrario, irritar aquelles a quem offendem sem calcular o resultado.

Dito isto, concluiremos.

Já se vê, por que é claro, que os folhetins que este jornal admittiu, depois de mui teimosas provocações, produziram o resultado que provavelmente os seus auctores tinham em vista, e que nós não desejavamos, nem já nos importava evitar. A folha a que eram dirigidos pede agora, ainda que um pouco tarde, treguas a essa represalia. Estamos promptos a dar-lhas, porque bem sabem os nossos leitores que nunca provocámos nem desejámos similhantes discussões. E, nesta resolução, aguardamos o futuro procedimento do *Echo*.

NOTICIAS DIVERSAS.

Baile de mascarar.—Com prazer damos hoje noticia da realisação do baile de carnaval, que tínhamos annuciado. Aos cavalheiros que voluntariamente se prestaram a promover-o, e a muitos outros que de bom grado os auxiliaram, se devem innumerables elogios por se haver levado a effeito esta agradável diversão.

O baile esteve concorridissimo e muito animado. A variedade dos costumes, o continuado movimento das danças e o elegante adorno das salas, tudo offerecia na verdade um espectáculo deslumbrante.

Se considerarmos a novidade que uma tal reunião offerecia em Macau, e consequentemente a difficuldade de familiarisar o projecto, e de obter costumes, é na verdade para admirar a promptidão com que se levou a effeito aquella ideia, o bom resultado que teve, e a agradável impressão que deixou.

Notámos diferentes costumes de muito bom gosto e riqueza, havendo alguns máscaras que mudaram diferentes vezes de vestuario, dando assim maior animação ao baile com a difficuldade de serem reconhecidos.

O baile terminou com o desponatar do dia, sendo muito para notar a abundancia do serviço, e a acertada ideia de collocar no palco brillantemente illuminado, e n'uma vista de bosque, a mesa da ceia, que, reflectida nos espelhos da grande sala, que se estabeleceu na platêa do theatro, produzia um aspecto que se não descreve.

Pedido.—O auctor da Memoria dos festejos, que tiveram lugar em Macau ao feliz nascimento do Sua Alteza o Principe Real, pede novamente aos cavalheiros, que hão tido a bondade de promover assignaturas para esta obra, o favor de lhe devolve-

rem os prospectos que se acharem assignados, a fim de se começar a precisa distribuição.

Occurrencias policiaes.—Foram presos, por diferentes roubos, nos dias 3, 4 e 5, os chinas Assá, Ahu, Aca-ehai, Alin e Atai.

Em 8, foi preso Rofino Colloço, e enviado ao sr. juiz de direito, por ter maltratado de pancadas com ferimento o china Atin.

Uma viagem a Lisboa.—Da *Gazeta de Portugal* de 21 de novembro ultimo transcrevemos esta engraçada noticia:—

Um hspanhol que visitou esta capital, na volta a Badajoz escreveu o seguinte:

“Quizera escrever um artigo, porém a penna recusou-se a fazel-o.

No dia 14 de outubro, é impossivel que os homens possam ter opinão sua. Todo aquelle a quem a lei concede esse direito, perde-o. Por isso vou escrever apenas as recordações da minha ultima viagem á famosa cidade, testemunha da valentia com que o dourado Tejo deposita as suas agnas no orgulhoso Oceano.

Novo horas e quatro duros empreguei para me transportar de Badajoz a Lisboa. Nunca empreguei melhor o dinheiro e o tempo.

Estou já em terra de Hespanha, ou antes de volta ao povo dos inconvenientes.

Parece mentira; em Badajoz até para morrer achamos o inconveniente do cemiterio nos receber com má cara.

Não acontece assim em Lisboa; os gossos da vida encontram-se na triste mansão dos que foram.

A alma mais tímida sorri-se ante a inscripção que, sobre alto cypreste, diz:

Cemiterio dos Prazeres

Por isso todo aquelle que pisa as alegres ruas do tão pittoresca cidade, exclama:

Lisboa é um povo morto. As engraçadas occurrencias dos seus habitantes fazem todavia reviver o jubilo no mais triste e melancolico peito. A *necessidade* não é para elles o symbolo do pobresa.

Parecerá isso incoherente da minha penna, mas é um facto dos nossos visinhos.

A morada dos reis é o *palacio das necessidades*.

As agnas que seguem o curso por estreita calha, obra da mão do homem, chamam-se *agnas livres*.

Porém não divaguemos.

Lisboa, situada na desembocadura do Tejo, é sem duvida alguma a povoação mais formosa da península iberica.

Alegres ruas, passiosos elegantes, vistosos jardins, magnificos edificios se offerecem á vista.

Observando-a nos restos do antigo poderio, vêem-se a egreja dos Jeronymos com as suas arcaicas magestosas e preciosas imagens, obra que mais parece da natureza que da arte; a magnifica egreja da Estrella, dominando grande parte da cidade; a capella de S. João Baptista, cujos quadros de mosaico imitam os dos melhores pintores e outros muitos monumentos causam a admiração de quem tem a felicidade de os visitar. Porém, para que esta felicidade seja completa é preciso ir a Cintra.

Ir a Lisboa e não ver Cintra, é o mesmo que ir a Roma e não ver o papa.

A imaginação mais ardente não pôde conceber os grandiosos e pittorescos panoramas que nos apresenta tão delicioso sitio.

A serenidade do céo, a doçura do clima, o ameno e frondoso dos valles, rodeados de montanhas e o ar puro que se respira, alegram o mais taciturno, dão saude ao enfermo e restituem a razão ao mais desassisado.

As ideias encontram ali pasto, a alma acha a sua tranquillidade.

Porém voltemos para Lisboa, voltemos á povoação onde

As mulheres saem á rua occultando a belleza;
Os hespanhoses multiplicam-se;
As hespanholas são estimadas;
O tabaco envenena;
Os generaes transitam sem escolta;
Economisam-se as sentinellas;
Gasta-se muita polvora em salvas;
As noticias correm sem se sentir;
A liberdade venera-se;
Os theatros abrem-se;
Fecham-se os passeios;
Paga-se á saída;
O silencio transforma;
As illusões perdem-se;
A gente não se encontra;
As palavras tem ouvidos;
E a actividade humana é um hospede incommodo.
Don do conselho a todos que quizerem ir a Lisboa que não levem tabaco, porque se arrissem a ser levados para onde não dê o sol.

E na volta não tragam dinheiro, se não quizerem ser guardadas na chegada a esta cidade.

Outubro, 1863.

Caminhos de ferro subterraneos, em Inglaterra e Franga.—Em Londres, e em Paris, diz a *Presse*, tracta-se de obviar nos croceci-

tes embaraços na circulação e ás difficuldades que experimenta, principalmente a classe operaria, para percorrer as distancias de uma extronidade á outra da cidade. É por isso tambem interessante observar quaes são os meios com o auxilio dos quaes os nossos visinhos procuraram dar sobre este ponto satisfacção aos interesses de todos.

Os bareos-omnibus, que correm o Tamisa pelo preço de 10 centimos (18 reis), sendo tão insufficientes como as carroças de todas as especies que se cruzam nas ruas publicas, fez nascer a ideia de construir caminhos de ferro subterraneos.

A abertura do *Metropolitan railway* acaba de inaugurar este novo modo de locomoção. O resultado immenso que tem obtido explica a construcção das novas linhas subterraneas, que, dentro de alguns mezes, atravessarão as principaes arterias d'aquella grande cidade. Grandes escadarias, sempre abertas á multidão, conduzem ás estações onde param os trens, á ida ou á vinda, de dez em dez minutos. Os compartimentos são tão bem allumados que os viajantes podem ler com facilidade os periodicos com a luz que dão duas lanternas. As aberturas egualmente bem calculadas, de distancia em distancia, assim como a renovação do ar, obvia a todos os inconvenientes que se poderiam temer n'estas viagens por baixo do chão. Por este modo percorrem-se, dependendo só alguns reis, longas distancias com rapidez, parando nas estações, havendo uma renovação perpetua de viajantes debaixo dos logares em que ha mais movimento. Tudo isto se faz tão prompta e commodamente que se pergunta, quando se vê isto, por que razão não se faz o mesmo em todas as grandes cidades e com especialidade em Paris.

É preciso todavia, confessar que os nossos engenheiros já tem pensado n'isso seriamente. Deveremos lembrar os estudos que um dos mais habéis publicou, ha alguns annos, sobre a construcção de uma via subterranea, partindo da estação de Strasburgo dirigindo-se, pelo boulevard de Sebastopol, para as adegas dos mercados (*Caves des Halles*) centraes, ás quaes a auctoridade municipal teve o cuidado de dar uma elevação sufficiente para a realisação d'este projecto. Tratou se tambem da linha dos boulevards onde os canos foram collocados por baixo dos passeios dos lados e não por baixo da calçada. Já recommendamos este projecto de mr. Gauthier, o qual propõe estabelecer uma estação no Port-Neuf e um caminho de ferro que ligue ao caminho que segue pela margem e-querda. Mas, como primeiro ensaio, lembram-nos outra linha que poderia ser facil e immediatamente executada, pois que teria a duplicada vantagem de não ter expropriação alguma e de não causar nenhum estorvo á circulação publica enquanto durassem os trabalhos.

O ponto de partida d'esta linha seria collocado no palacio da industria e seguindo pelos campos Elysiens, avenida da Imperatriz e bosque de Bolonha, chegaria á ponte de Saint-Cloud, de maneira que serviria para Bolonha e para todas as localidades visinhas.

É ao governo, e é a autoridade municipal que compete dar uma nova prova da sua sollicitude por tudo, que tem relação com os interesses da capital e das classes operarias, chamando sobre este assumpto a attenção dos homens de arte e dos capitalistas, facilitando a formação das companhias que se apresentassem para a exploração d'este novo modo de transporte.

NOTICIAS DO REINO.

A novidade veniceola no Douro havia produzido 82.866 pipas de vinho no anno de 1863, sendo mais 11:274 que em 1862.

Um novo *caffé-concerto* se havia estabelecido na rua Nova da Palma, com os seus bailes obrigados.

O vapor *Maria Pia* havia feito uma viagem d'experiencia. Largou da anarração em face do Terreiro do Paço, e contra maré partiu para Cascaes, voltando logo para o mesmo ponto. A sua velocidade maxima pela barquinha patente foi de 13,2 milhas. As rotações foram, termo medio, sessenta. Tem este navio accommodações para 60 passageiros nas camaras, e para 160 no coizvez. É todo construido com perfeição e elegancia, e offerece todas as commodidades aos passageiros. Assistiram á experencia cerca de sessenta pessoas.

Havia-se incendiado em Cabo Verde, no porto da ilha de S. Vicente, a barca inglesa *Elyse*. O incendio tinha sido originado por combustão espontanea no carvão. Ninguém morreu.

Tinha sido encerrada a exposição agricola de Braga. O acto esteve solenne. Foi mais um episodio importante em um facto economico, cujos effeitos devem influir não só na prosperidade da provincia do Minho, mas tambem no reino todo. O jury conferiu uma medalha de honra ao sr. conselheiro Januario Correia de Almeida, pela iniciativa da exposição agricola, e pela promoção desta grande festa do trabalho. Sua Magestade El-Rei esta-

va para distribuir, por suas próprias mãos no mesmo campo, onde tivera logar a exposição, os premios da victoria ganha pela intelligencia e pelo trabalho.

Uma epidemia lethifera assolava os conselhos da Azambuja, Cartaxo e Rio-Maior. Os ataques começavam por anginas, que malignavam depois, acabando quasi sempre pela morte no decurso de cinco ou seis dias. Tinham já sido victimas umas 80 creanças e 16 adultos.

A imprensa em Lisboa publicava a seguinte curiosa estatística:—Na Inglaterra existiam em 1861, nos hospitaes de alienados, os seguintes individuos:—85 clérigos—10 ministros dos cultos dissidentes—103 officios do exercito—22 advogados—60 procuradores—5 medicos—61 cirurgios—3 escriptores—54 mestres de escola—80 mestras de meninas.

Em um jornal da metropole achamos uma publicação de mr. Luiz Godard, que, começando por fallar do pequeno balão das festas officias de Paris, dá depois interessantes detalhes acerca do *Gigante*, balão de mr. Nadar.—Eis a publicação:—“A viagem nada offerece de notavel até Erquilles. Se o balão se não elevou a maior altura, é porque os aeronautas queriam evitar toda a dilatação para fazerem uma viagem de longo curso; setivessem querido produzir effeito no publico, teriam obtido maior elevação, desalstrando 30 a 40 kilg.—O balão das festas officias, pertencente aos irmãos Godard, empavesado de bandeiras com as iniciais de S. M. o imperador, e o *Gigante* encontram-se quatro ou cinco vezes nos ares, e os aeronautas do *Gigante*, julgando que se dirigiam aos habitantes de uma cidade, recebiam a resposta de mr. Godard pae, que encaminhava o pequeno balão. Isto só cessou em S. Quintino, onde se operou a descida deste ultimo.—O *Gigante* continuou a sua derrota. Visto em Lille, dirigiu-se para a Belgica, onde uma viração directa, do lado da Mancha, o impelliu no caminho da Hollanda. Foi alli que mr. Godard propoz que se descesse para esperar o dia, a fim de se poder reconhecer a situação, e partir de novo; era uma hora da madrugada, a noite estava muito escura, mas o tempo sereno.—Infelizmente este conselho, apoiado por uma longa experiencia, não foi attendido. O *Gigante* devia continuar a sua derrota, e mr. Luiz Godard não se julgou mais responsavel pelas consequências da viagem.—O balão costou Zwyderzée, e entrou no Hanover; o sol, começando a apparecer, secou os cabos, mas as paredes do aerostato conservaram-se humidas, em consequencia da sua passagem através das nuvens; isto produziu uma dilatação que elevou o aerostato a 4,500 metros.—As nove horas da manhã, o vento, voltando bruscamente a oeste, dirigiu o balão em linha recta para o mar do norte. Era preciso a todo o custo verificar a descida; era uma obra perigosa, porque o vento soprava com uma violencia extrema.—Os irmãos Godard, Luiz, e Julio, secundados por mr. Gabriel Yon, abriram a valvula, e soltaram as ancoras; mas infelizmente a marcha horizontal do balão augmentava a cada segundo; o primeiro obstaculo que as ancoras encontraram foi uma arvore. Foi arrancada pela raiz instantaneamente e arrastada até ao segundo obstaculo, que era uma casa, cujo tecto foi levantado. Então os dois cabos das ancoras quebraram-se, sem que os viajantes o percebessem. A velocidade adquirida era prodigiosa (60 leguas por hora).—Prevendo o choque necessario que ia ter logar, o momento era critico, o menor aquecimento podia causar a morte. Mr. Luiz Godard não cessava de empregar palavras de animação; o balão corria sempre com uma rapidez de 60 leguas por hora; com a abertura da valvula, tinha perdido uma certa quantidade de gaz, e já não podia subir. Para maior difficuldade, a sua posição inclinada não permitia manobrar, se não no circulo, a corda da valvula.—A pedido de seu irmão, Julio Godard tentou a difficil obra de subir a esse circulo, e apesar da sua conhecida habilidade, teve muitas vezes de renovar as suas tentativas. Só, não podia soltar aquella corda; mr. Luiz Godard pediu a mr. Yon que fosse auxiliar seu irmão no circulo. Elles dois conseguiram tornar-se senhores da corda, que passaram a mr. Luiz Godard; este ficou-a solidamente, a pesar dos impulsos que dava.—Um violento impulso abalou a barca, que roçava na terra. Era impossivel prestar-lhe socorro, e por tanto mr. Julio estimulado por seu irmão, lançou fora as ancoras, para tentar amarrar cordas ás arvores. Mr. Montgolfier, cahido da mesma forma, pôde ser levantado e salvo por Luiz Godard.—Nesta occasião mrs. Thirion e d'Arnoult saltaram, e apenas soffreram, ligeiras contusões. A barca, arrastada pelo balão, quebrava arvores de cinco centimetros de diametro, e derrobava tudo quanto lhe servia de obstaculo.—Mr. Luiz Godard fez saltar mr. Yon fora da barca para prestar socorro a mad. Nadar, mas um terrivel impulso lançou mrs. Nadar, Luiz Godard e Montgolfier, os primeiros contra a terra e o terceiro n'agua.—Mad. Nadar, a pesar dos esforços dos viajantes, foi a ultima, e achava-se contrafita entre a barca. Passaram-se mais de vinte minutos, primeiro que fosse possivel, apesar de incriveis esforços da parte

de todos, desembarçá-la; era o momento em que o balão se inclinava, e quebrava, como um monstro furioso, tudo quanto o cercava.—Logo depois correu-se em auxilio de mr. Saint-Felix, que ficara atraz, cujo rosto era uma chaga, coberta de sangue e de terra; tinha um braço quebrado, o peito rasgado e completamente macerado.—Termino esta narração verdadeira, agradecendo aos habitantes de Rethem, e particularmente ao nosso embaixador e ao enviado do rei, os cuidados que nos prodigalisaram.”

Haviam sido approvados os estatutos de uma nova associação no Porto, denominada: *União Musical Portuguesa*.

Em um jornal de Lisboa lemos a seguinte estatística feminina:

“A soberba Albion tem 18 mulheres banqueiras—7 agiotas—177 empregadas no commercio—25 caixeiros volantes—55 cradoras—38 negociantas—29 ferradoras—419 impressoras—3 pastoras—34,964 lavradoras—13 doutoras em medicina—2 cirurgias—6 noticiaristas de jornaes—3 empregadas nas parochias—4 coristas—4 mestras de rhetorica—17 dentistas—4 bruxas—1 astronoma—8 naturalistas.

Já se vê que as mulheres na Inglaterra começam a invadir os empregos monopolizados pelos homens—isto é, começam a sua emancipação.”

Um jornal lisboense publicava um excerpto de uma informação, dada a S. M. pelo chefe de uma repartição. O fim da publicação era para que o publico visse e admirasse como se elevam certos homens aos cargos publicos de importancia.

Eis o excerpto:

“..... em quanto ás faltas do sr. A. J. de S., bacharel, em numero não maior do que uma, contra-me em propor á face da solemne occasião do auspicioso baptizado do Serenissimo filho de Vossa Magestade, a ser-lhe eliminada a supra mencionada falta, em vista da maioria da razão que a isso me compelle.”

Com respeito a mr. Nadar e ao balão *Gigante*, ainda encontramos mais outra noticia. Mr. Nadar escreveu uma carta á *Independencia Belga*, annunciando que, apenas esteja restabelecido, continuará as suas ascensões no balão *Gigante*, até alcançar a somma necessaria para construir o *helicoptero*, ou balão, invento seu, com o qual espera navegar por esses ares, dirigindo-o á sua vontade.

Vemos se o homem vira sem azas. Oxalá que seja mais feliz do que Icaro, que pretendeu correr pelos ares com umas azinhas, o que lhe custou ter o gosto de dar o seu nome ao mar Icario, onde pagou o seu arrojo.

Em Lisboa fallava-se muito da projectada viagem á roda do mundo. A imprensa, fundando-se em noticias de Vienna, annunciava que se organisaria uma companhia de amadores para o empreendimento desta grande viagem. O projecto é o seguinte: Deve partir de Trieste, no dia 15 de março de 1864, abordo do vapor a helice *Marco Polo*, visitando successivamente Argel, Gibraltar, Madeira, republica de Liberia, Santa Helena, Cabo da Boa Esperança, Madagascar, Ceylão, Singapura, Hongkong, archipelago de Sandwich, Mexico, Panamá e Rio de Janeiro.

O *Marco Polo*, antes de entrar em Trieste, tocará em Lisboa, Cadix, Palermo, Naples, ilhas Jonias, e visitará os portos mais importantes da costa oriental do Adriatico. A viagem ha de durar oito mezes, e os passageiros pagaria 18 florins por dia. O plano definitivo da viagem devia ser publicado no principio deste anno.

CORRESPONDENCIA.

Srs. redactores:—Tendo lido no *Echo do Povo* no 253 de 31 de janeiro findo uma carta, escripta ao redactor por um individuo, que se assigna com tres estre-linhas, e que diz fallar-se em certo circulo da revivencia do batalhão nacional (nem que elle estivesse morto!), apresentando caracteres na effectividade, que pinta com terriveis cores, não posso ficar em silencio nesta questão, e passo portanto a pôr os factos na sua verdadeira luz.

Diz o correspondente a que me refiro que, para fazer reviver o batalhão, já se pediram certidões de idade aos patriotas das freguezias dos jovens de 18 annos de idade.

Estou ao facto do que se passa no batalhão, e não sei que se tenha feito semelhante exigencia, a não ser o pedir-se uma relação dos individuos de 18 a 40 annos de idade, o que teve logar em 5 de abril de 1862 (governo de S. Exa. o sr. Guimarães). Esta relação serviu depois de base a uma outra, que por esse tempo se fez no batalhão, a qual continha somente os individuos que estavam no caso de assentar praça em segunda linha, e foi remetida para a secretaria do governo desta colonia, onde ainda existe; sendo certo que até hoje nenhum dos individuos constantes dessa relação foram obrigados a alistarem-se no batalhão. Disto, por tanto, deve inferir-se que os taes boatos, que correram no circulo a que o correspondente se refere, não tiveram fundamento nenhum.

O auctor da carta continua dizendo que julga não ser sem fundamento o que se diz, por estar no commando do batalhão um militar, coisa nunca vista, desde a sua criação em 1846, e contraria ao regulamento do rego.

A esta ultima asserção, cumpro-me responder da seguinte forma: 1o. Se está commandando o batalhão um militar, é interinamente, por se achar de licença o commandante effectivo. 2o. Se o commandante interino projecta

uma reforma no batalhão, é porque é um militar experimentado no serviço, e entende que não pôde nem deve deixar de promover por todos os meios ao seu alcance tudo quanto seja conducente ao melhoramento do batalhão. De mais, a reforma projectada é, por sua utilidade, desejada não só pelo commandante effectivo, mas ainda por todas as pessoas sensatas do batalhão; pois que não querem passar pelo desgosto de verem a irregularidade que se dá sempre que toca a rebate com as praças do corpo, das quaes só costumam comparecer trinta ou quarenta, umas vestidas á paisana, com corcetas e sem espingarda, outras tambem sem os seus uniformes, e com espingarda e sem corcetas, sendo muito poucas as que se apresentam completamente uniformizadas.

Quanto ao que diz o mesmo correspondente sobre a circumstancia de estar no batalhão um militar, cousa nunca vista, e contraria ao regulamento que o rege, parece que o correspondente não só não está ao facto do que se ha passado no batalhão, desde a sua organização; mas até mesmo nunca leu, ou não comprehende o regulamento do batalhão.

Primeiramente dir-lhe-hei que não é só agora que se acha no batalhão um official militar, porque já em 1857 pertenceu ao batalhão um official superior do exercito, que foi o sr. major Monção. E quanto ao regulamento, transcreverei aqui a parte que trata do commando do batalhão, para que o correspondente fique desenganado do seu erro, a fim de não voltar á imprensa com ideias falsas.

“Artigo 2o. § 1o. O Commandante do Batalhão Nacional é da escolha do Governo. Os mais Officiaes tambem são da escolha do Governo sob propostas do Commandante do Batalhão, tendo attenção á sua antiguidade e aptidão. § 2o. O Major e Adjuncto serão do primeira linha nomeados pelo Governo, e gozando das vantagens que pertencem por lei aos Officiaes do Exercito, servindo nos corpos de 2a. linha. § 3o. Quando vagar o posto do Commandante do Batalhão, o commando recabirá no Major até que o Governo nomeie novo Commandante. O mesmo Major commandará na impossibilidade temporaria do Commandante, sem que por isso reciba gratificação de Commando, excepto quando o Batalhão receber soldo.”

Eis-aqui o que diz o regulamento, e já vê o correspondente que o actual commandante interino está collocado no batalhão por leis fundamentais, e que nenhum interesse tira do commando do batalhão, a não ser responsabilidade, o que ninguém deseja por tal preço.

O regulamento do batalhão está em relação aos dos corpos de segunda linha da metropole, mas accommodado ao estado da colonia, e não se encontra nelle um só artigo que prohiba que qualquer individuo do batalhão saia para fora do paiz. Determina, porém, que todos os individuos de 18 a 50 annos de idade devem pertencer ao batalhão nacional.

Pelo que toca ao que diz o correspondente a respeito da emigração dos jovens macanenses para fora da patria para se subtrahirem a pertencer ao batalhão, por serem ali mal tratados; 6o. perlos-me o correspondente, uma refinada falsidade, pois se esses jovens sahem para fora de Macau 6, como todos sabem, porque desses pontos os chamam interesses que não podem achar em sua patria, sendo certo que os que pertencem ao batalhão são tratados com bondade e delicadeza, como elles mesmos o affirmam.

Cabe aqui lembrar ao correspondente uma sua perillidade, a que já vimos fazer uma grande epouada. Diz o correspondente que a emigração é de um e d'outro sexo por causa do batalhão nacional (!!) Não ha maior disparate! Pois ssa, julga de veras que o estado de Macau está em tanto aperto, que seja necessario assentar praça a mulheres?!

Oh! meu senhor! por Deus não nos considere no estado de hostilidades, em que se achavam os portuguezes de D. João I, quando uma padeira de Aljubarrota, armada de uma formidavel pá do forno, praticou prodigios de valor. Nesses tempos estava a patria em perigo, e não era muito que as mulheres entrassem tambem nas fileiras belligerantes; mas hoje em Macau, onde tudo é paz e sossego, vir ssa, com semelhante mania, custa realmente a soffrer. Quem escreve como ssa, precisava de duas duzias de bichas atraz das orelhas.

Mas voltamos no serio.

Diz o correspondente que os officiaes do batalhão perturbam os fillos de Macau nos seus estudos (!!!). Como pôde isto ser verdade, se a não ser o sr. Nolasco Junior, não consta que outro fillo de Macau de mais de 18 annos de idade anle frequentando os estudos?!

Diz o correspondente que as perseguições, feitas pelo batalhão aos jovens macanenses, ficam muito áquem das que hão soffrido os antigos martyres sob a dominação dos imperadores romanos.

Martyr está sendo o pobre correspondente, mas martyr da sua penna molhada na baba nojeada da calumnia. Pois por ventura o batalhão nacional faz algumas perseguições?

Pergunte-se aos fillos dos principaes negociantes desta terra, como Brandão, Peres, Remedios, etc., etc. se desejam continuar na ignorancia em que estão dos deveres de officiaes inferiores do batalhão, ou se querem exercitar-se nas obrigações militares, para se não exporem á censura dos nacionaes e estrangeiros; e ver-se-ha que as suas respostas serão um desmentido solemne a tudo quanto ahí avança o correspondente, porque nenhum delles nem mesmo qualquer pessoa de juizo pôde chamar perseguições ás amenas e delicadas exhortações ao estudo, que os officiaes fazem ao batalhão, exhortações estas que são consideradas geralmente de muita necessidade, pois é certo que já se tem visto alguns officiaes inferiores, commandantes de forças, ao passarem pelos seus superiores, comtenderamnos com os seus bonés, em vez de lhes perflarem armas, ou mandarem a suas forças olhar direita ou esquerda, conforme as circumstancias o exigirem.

Va o correspondente ao quartel do batalhão, quando tocar a rebate, e observe e pergunte mesmo o que se passa entre-os que comparecem, e verá a indignação em que estão todos contra os que não comparecem, e os esforços prudentes que empregam os officiaes para manter a ordem possível, pois por vontade dos que comparecem seriam presos os que faltassem.

Quanto aos conselhos que o correspondente ouza dar a S. Exa. o Governador, isso é, sobre absurdo, uma ignorancia tão atrevida e insolita, que nem lhe quero dar a consideração de responder-lhe.

Sou, srs. redactores,
De VV. etc.

Macau, 10 de fevereiro de 1864.

Y.

ANNUNCIOS.

CORREIO MARITIMO.

A MALA para a Europa e India, por um dos vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha nesta administração na Sexta-feira 12 do corrente, ás 10 horas da manhã.

JOSÉ DA SILVA,
Administrador Interino.

Correio Marítimo,
Macao 8 de Fevereiro de 1864.

A ASSOCIAÇÃO da Charidade de Senhoras, pretendo fazer um bazar em beneficio dos orfãos desvalidos do Seminario de S.^m José, e dos pobres desta Cidade, e para este fim, tão pio e meritorio, convida a todas as senhoras e cavalheiros hajam de concorrer com o que quizerem para o mesmo bazar, e certa a direcção das virtudes, que ornar as esmolas e cavalheirês não duvida que conseguirá seu fim, que é para bem geral da Cidade, pois os innocentes orfãos são educados, como felizmente todo o publico sabe, com esmero, bom tratamento e charidade propria dos dignissimos sacerdotes que gostosamente se impuzeram o dever de cuidar destes desvalidos orfãos. A pobreza não ficará desconhecida, pois o producto do bazar tambem lhe será applicado, com a devida proporção: e assim a gradeza desde já a coadjunção publica de que muito precisa. O dia para o bazar será opportunamente determinado bem como a pessoa, que deverá receber os objectos determinados para elle. Macao 23 de janeiro de 1864.

ERMELINA M. DE MELLO,
Secretária.

A CHA-SE á venda na loja do abaixo assignado, vinda pelo ultimo paquete, uma quantidade de Seda preta (lisa e ondedada), roxa e azul (liza e listrada); Collarinhos; Peitos de linho para camizas; Alpaca fina, &c., &c., tudo da melhor qualidade, e por preços commodo.

J. DA SILVA.

Macao, 6 de Fevereiro de 1864.

O VAPOR Inglez *Sir Jamsetjee Jeejeebhoy* fará viagens entre Macao e Hongkong regularmente e da maneira seguinte:

De Macao a Hongkong—todas as Terças, Quintas e Sabbados.

De Hongkong a Macao—todas as Segundas, Quartas e Sextas.

O vapor sahirá d'ambos os portos ao meio dia, e receberá carga, &c., por preço muito razoavel.

B. E. CARNEIRO.

Macao 3 de Fevereiro de 1864.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

COMPENDIO DE HYGIENE POPULAR, POR D. FRANCISCO RAMIRES VAZ, Doutor em medicina e cirurgia, condecorado com a cruz de primeira classe da ordem civil de epidemias, cavalleiro da real e distincta ordem de Carlos III, medico do corpo de saude militar da Hespanha, socio correspondente de varias academias scientificas da Europa, etc., etc., etc. Tradução livre de Manuel de Castro Sampaio, approvada pelo conselho geral de instrucção publica de Lisboa, para ser lida e adoptar da nas escolas publicas. Segunda edição. Acha-se á venda no estabelecimento do sr. José da Silva, travessa do Governador no. 2.—Preço de cada exemplar, meia pataca.

J. DA SILVA.

O ABAIXO ASSIGNADO annuncia ao publico que; tendo dado maior desenvolvimento ás suas Officinas, acha-se agora ainda mais habilitado para se encarregar de todo o genero de trabalhos typographicos, executados com presteza e nitidez, por preços muito razoaveis.

J. DA SILVA.

A CABA de chegar pelo vapor da mala franceza, e acha-se á venda, na Loja do abaixo assignado, uma grande fiocura de MERINO preto, branco, e de outras cores, de superior qualidade.

Pela galera ingleza *Pain*, que chegou á Hongkong em 30 do mez passado, espera-se receber uma quantidade de bons PRESENTOS de Limerick, CONSERVAS, VINHO DO PORTO e SHERRY.

J. DA SILVA.

Macao 7 de Janeiro de 1864.

I HAVE this day admitted M. C. MILISCH a partner in my firm, and the Business will hereafter be continued under the name and style of

RAYNAL & C.^o

M.^r H. EBELL has been authorized to sign the firm per procuration

GUST. RAYNAL.

Macao, 1st January, 1864.

TENHO admittido nesta data como meu socio o Sr. C. MILISCH, e a firma continuará desde hoje em diante sob o nome e estylo de

RAYNAL & C.^o

O Sr. H. EBELL é auctorizado a assignar a firma por procuração.

GUST. RAYNAL.

Macao 1^o de Janeiro de 1864.

CIRCULAR.

A FIRMA de Portaria e Silva fica desollvida nesta data por mutuo consentimento dos seus actuaes socios.

Vicente de Paulo Portaria continuará os seus negocios debaixo da Firma de V. de Portaria & Ca., que se assignarão da maneira seguinte.

V. DE PORTARIA & Ca.

Macao 31 de Dezembro de 1863.

EXCELENTE Azeite Doce de Portugal em barris e em garrafas. Algumas duzias de bom Vinho do Porto, e Madeira, tudo chegado na Galera Deslumbrante. Praia Grande N.^o 14.

VENDEM-SE duas propriedades de casas contiguas, na Praia Grande N.^o 14 e 15. Quem as pretender comprar dirija-se a

J. A. P. CRESPO.

JUST Landed.

SUPERIOR Limerick Hams in bags and tins; Ox Tongues in tins; and a quantity of very superior Fresh Meats in 1lb. tins, from the well known firm of D. Hogarth & Co.

Also,

A fresh supply of Oilman's Store, Butter, &c.

J. DA SILVA.

Macao, 25th November, 1863.

A CHA-SE á venda na loja do abaixo assignado um lindo e variado sortimento de Joias para senhoras, Estojos, Bolças, Pentes, Fitas de diferentes cores, Renda de seda e de algodão, e varios outros objectos de bom gosto.

Calçados Inglezes para crianças.

Alcatifas para salas e sofás.

Albums para retratos.

Clarete de primeira qualidade.

Cerveja.

Amendoas Francezas crystalisadas.

Ornamentos para tocadores.

Diferentes fazendas de lã, algodão e linho para homens e senhoras.

J. DA SILVA.

FAZENDAS DE INVERNO.

GRANDE sortimento de Casimira, Panno preto, Circassiana e Veludo de diferentes cores, por preços commodos.

Dirija-se á Loja de

J. DA SILVA.

Macao 7 de Outubro de 1863.

RECENTEMENTE CHEGADO.

CHAPEUS de Feltro para homens e crianças. Chita franceza de lindo gosto, Lã-lã (*Mousseline de laine*), Grimaldas brancas, &c., &c.

Dirija-se á Loja de

J. DA SILVA.

Macao 25 de Novembro de 1863.

LIVROS.

Travessa do Governador, N.^o 2.

UMA colleção de lindos romances encadernados, e outras obras recentemente chegado de Lisboa. Preços modicos.

NA Casa N.^o 31, Tarrafoiro, vende-se Vinho Branco e Tinto da melhor qualidade em garrafas.

Macao 7 de Outubro de 1863.

PROSPECTO.

COMPANHIA DA DOCA DE MACAO.

Capital \$150:000 em 150 acções @ \$1000 cada acção.

Logo que os subscriptores proficavam o Capital acima designado, estes serão convocados para hum meeting, afim de se fazerem os estatutos, de se nomearem os directores etc., e de se assignarem as escrituras do contrato, ficando os estatutos da doca como os da companhia da Docca de Hongkong e Fampoi, se assim o entenderem, e então se proporá a Compra ao Sr. B. E. Carneiro da propriedade dentro do rio de Macao, situada na Paria Manduco, agora conhecida pela denominação de *Gude de Carneiro* e junta-mente as 4 Casas grandes e os 12 gudeos que existem, bem construidos, e o terreno todo que lhe pertence que mede a todo 70,575 pés de superficie, pela quantia de \$45:000

(As casas e gudeos acima mencionados estão seguras parcialmente no valor do \$20:000 com o premio de 1/4 por cento.)

Existe hum contrato feito para construir a Docca, com a capacidade de receber dentro hum Navio com 205 pés de quilha e 260 pés ao todo sendo a entrada da porta de 55 pés, e a largura da porta de dentro do lado de cima de 66 1/2 pés, e no fundo 35 pés agora quasi construida, e poderá acabar-se em 3 ou 4 mezes tendo de fundo nas marés altas 14 1/2 @ 15 pés e nas marés baixas 11 1/2 a 12 pés pela quantia de \$24:000

Machina e bomba posta a servir 5:000

Outras despesas feitas 1:700

Custo total da Docca, Casas etc. 75:700

Se se julgar necessario prolongar o terreno da docca sobre o rio com mais 31 pés de comprimento, o Governo de Macao concede licença para isso, assim como para entulhar um espaço que poderá servir para guardar madeiras e outros utensilios, o qual poderá ter de superficie 205 por 90 pés e o contrato extra para esta obra será:

Para estender a docca 31 pés \$5:400

" " mais 20 pés de quilha 3:500

" " entulhar o espaço acima dito 205

por 90 10:300

\$19:200

Ainda assim restará huma somma desponivel de \$55:100 que poderá ser applicada para comprar objectos para construcção, machinas, e tambem para mandar vir engenheiros etc., e ainda restará bastante para haver um fundo de reserva. O Sr. S. B. Rawling aceita o lugar de engenheiro encarregado pela companhia para dirigir os trabalhos, com a paga de 5 por cento do custo da Docca, pagando-lhe ainda a companhia as despesas de viagens.

Propoem-se que o pagamento das acções serão os seguintes:

25 por cento quanto a companhia estiver formada.

25 por cento, depois de 3 mezes.

50 " " 6 ou 9 mezes (conforme se lhe determinar) desde a data do segundo pagamento.

As acções poderão ser procurados em Hongkong aos Srs. S. B. Rawling e Philipps Moore & Ca. e em Macao ao Sr. B. E. Carneiro, os quaes darão tambem as informações necessarias.

Macao Dezembro 15, de 1863.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 4 a 11 de Fevereiro.

ENTRADAS.

Fev. 4—Vapor de guerra americano *Wyoming*—Commandante, D. Mc Dougal—de cruzar. Monta 6 peças, e tem 157 praças de guarnição.

" 8—Corveta de guerra americana *James Town*—Commandante, Prayce—de Anol.

" 9—Vapor china *Cum-fá*—Capitão, Greves—de Hian-xan.

" 10—Vapor inglez *Ivon Prince*—Capitão, Vincent—120 toneladas—de Hongkong, em lastro.

SAHIDAS.

Fev. 6—Brigue sueco *La Plata*—Capitão, Regnell—205 toneladas—para Falmouth, com canela e oleo de canela.

" 7—Barca hespanhola *Loyola*—Capitão, J. A. Tuton—567 toneladas—para Manilla, com seda e bahus.

" 9—Vapor de guerra americano *Wyoming*.

" 10—Vapor china *Cum-fá*—Capitão, Greves—para Cantão.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAO EM 11 DE FEVEREIRO.

ENTRADA	APARELHO	NAÇÃO	NOME	CAPITÃO	TON.	PROCEDENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADÓZO	DESTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Barca	Portuguesa	Tremelga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		Armando
Janêiro 3	Barca	Portuguesa	Elisa		219	Tai-hu-san	M. A. da Ponte	Rio		
" 31	Galera	Peruana	Julião	Arubarena	751	Hongkong	Lassallette	Rada	Callão de Lima	Com passageiros chinas
" 31	Brigue	Chileno	Emma	H. Wich	259	Hongkong	Solf.	Rio	Callao de Lima	Com passageiros chinas
Fev. 7	Barca	Peruana	Lima	Castaniola	195	Wampit	B. E. Carneiro	Rio	Callao de Lima	Com passageiros chinas